

CRUISIN' THE STREETS¹: RUAS GAYS SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA CULTURAL E QUEER

CRUISIN' THE STREETS: GAY STREETS FROM THE PERSPECTIVE OF CULTURAL AND QUEER GEOGRAPHY

Christopher Smith Bignardi Neves²

Resumo: Os *gayborhoods*, entendidos como bairros *gays*, são caracterizados pela acolhida das identidades sexuais e de gênero desviantes. Visto que LGBTQ+ são invisibilizados nos espaços urbanos, a presença de *gayborhoods* possibilita refletir sobre um território contra hegemônico. O presente estudo, traz as observações do pesquisador em visita às ruas gays de três cidades diferentes: São Paulo, Chicago e Amsterdam. A técnica de caminhada possibilitou identificar que as ruas possuem características que as façam ser rapidamente identificadas pelo público LGBTQ+, entretanto, há diferenças no processo de consolidação destes territórios. Enquanto a rua paulistana carece de relevância econômica para o turismo, LGBTQ+, as ruas norte-americana e holandesa são usufruídas pela população residente e tidas como atrativo turístico nacional e internacional.

Palavras-chave: ruas gays; bairros gays; área queer; turismo LGBTQ+.

Abstract: the law was built based on the male gaze, which placed the woman in a secondary and stigmatized position in the national legal system. In other words, legal education in Brazil has long been in need of major reform. The article aims, through exploratory research and quantitative and qualitative data, to analyze the nuances of patriarchy influencing Brazilian legal teaching. Thus, for this study, the hypothetical-deductive method was used, starting from major assumptions about the trajectory of Brazilian legal education to understand the subject, to the reach of minor assumptions, analyzing, as a central focus, the theories feminists of law, which emerge as a proposal for the liberation of women and the law, recreating their bases in an isonomic way. Therefore, it seeks to understand the entire structure of the patriarchal system and propositions for the use of feminist legal education as a practice of freedom.

Keywords: gay street; gayborhood; queer Space; LGBTQ+ Tourism.

A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa.
(Mario Quintana)

1 INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência busca apresentar uma interpretação espacial e funcional das agitadas ruas gays de São Paulo, Chicago e Amsterdam como reduto comercial, social e turístico direcionados para o público LGBTQ+. O relato surge das observações realizadas pelo autor nas viagens realizadas para elaboração de um estudo maior em desenvolvimento.

¹*Cruisin' the street* é o nome da música (e do álbum) cantada pela banda *Boys Town Gang*, que aborda o flerte entre homens gays no Castro em San Francisco e na Christopher Street em Nova York, cidades conhecidas como "meca gay". O grupo disco *Boys Town Gang*, atendia à crescente clientela gay de São Francisco, e tornou-se popular na década de 1980 quando alcançou o primeiro lugar na Holanda, Bélgica e Espanha. A escolha do título, música e banda flerta com o tema do estudo, um trocadilho do autor.

²Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Turismo (UFPR). Tecnólogo em Gestão de Turismo pela UFPR, Setor Litoral; Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR.

Além de uma pesquisa bibliográfica, o autor realiza observação participante com técnica de caminhada, como proposto por Magnani (1996), técnica que possibilita uma interação etnográfica do contexto urbano do local em análise. As visitas às ruas aconteceram em três momentos diferentes: em São Paulo (Brasil), a observação da rua Frei Caneca acontece desde o ano de 2017; enquanto que a visitação a *Halsted street*, em Chicago (EUA), ocorreu no mês de abril de 2022; a interpretação da *Reguliersdwastraat* (Países Baixos), teve início com a visitação em 2018, continuando sendo analisada por netnografia, adotando o Instagram como ferramenta de análise.

FIGURA 1 - Localização das ruas em relação às cidades



Fonte: Google Maps (2022)

Após muitos anos de lutas e batalhas a comunidade composta por Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer e outras identidades de gênero e/ou sexuais (doravante LGBT+) tem conquistado recentemente mais direitos sociais, com isso conquistou também aceitabilidade da sociedade, o que acarretou em maior visibilidade social e atenção midiática.

O uso da teoria queer começa a despontar em diferentes áreas, inclusive na geografia. Pesquisadores adeptos desta teoria têm contribuído para que novos olhares sejam direcionados aos objetos de estudo. Para Rumens (2017) esse crescimento possibilita problematizar, romper e reconfigurar o campo das normas já postas, constituído e estipulado que regulam os gêneros, as sexualidades, as etnias, etc.

O modo de viver destes indivíduos primeiramente aparece como um terreno de promiscuidade, luxúria e depravação. Uma realidade em nada condizente com a vida de LGBT+; a saber pelas causas defendidas do próprio movimento homossexual da década de 1960 até os dias atuais: despatologização da homossexualidade, união estável, criminalização da LGBTfobia, direitos sociais (educação, trabalho, moradia, saúde), nome social para pessoas trans, entre outras.

O movimento LGBT+ ainda batalha por respeito e dignidade, travam micro-embates diários, buscando romper com uma cultura cisheteronormativa que regula os corpos destas pessoas. Embates estes que são encontrados inclusive em outros movimentos sociais; Gloria

Anzaldua (2009) uma mulher lésbica e chicana, relata a resistência no movimento feminista; Audre Lorde (2019) menciona a resistência do movimento negro; Herbert Daniel, integrante da revolução armada contra a ditadura precisou deixar sua sexualidade de lado, diante do preconceito encontrado no movimento revolucionário (GREEN, 2018).

Como apresentado, LGBT+ precisam em diversos momentos, tempos e lugares forçar sua presença para conquistar respeito, direitos e dignidade. O mesmo acontece nas cidades, foi preciso demarcar territórios para que essa população usufrísse do espaço urbano como a população heterossexual.

A Rebelião de Stonewall, ocorrida em 28 de junho de 1969, no bairro de Greenwich Village em Nova York, é um marco histórico (Bronksi, 2011). A partir de então, a geografia há quase 50 anos traz o corpo e a sexualidade para o bojo de discussões e análises. Segundo Brown (2014), a homossexualidade por sua vez, tornou-se um objeto de estudos, um componente que não reagiria contra a hegemonia heterossexual que produz geografia.

Frederic Martel (2018) apresenta que:

De Buenos Aires a Tel Aviv, de Amsterdã a Londres, um princípio parece estar surgindo gradualmente: quanto mais uma cidade é favorável aos gays, mais a vida gay se espalha e se dissolve no tecido urbano; quanto mais frágil é a aceitação dos gays, mais os gays se agrupam em aldeias e grupos (MARTÉL, 2018, p. 25).

Destarte, os dissidentes sexuais foram percebidos nos estudos espaciais, na geografia social, crítica e cultural (BELL, VALENTINE, 1995; BROWN, 2014; SILVA, 2009). As primeiras obras geográficas sobre homossexualidade sugeriram que o estilo de vida de LGBT+ caracterizavam paisagens sociais, culturais e políticas que expressavam espacialmente sua prática urbana (BELL, VALENTINE, 2009). Tais expressões foram usadas mais tardiamente para explicar as concentrações de grupos étnicos dentro das cidades, o que ficou denominado por White ([1980] 2014) e Levine (1979) como guetos gays.

Para Ghaziani (2014), estes guetos gays foram se desenvolvendo, o que estimulou a formação de *gayborhoods*, termo que se origina a partir da junção gay e *neighborhood*, em tradução literal é concebido por bairros gays.

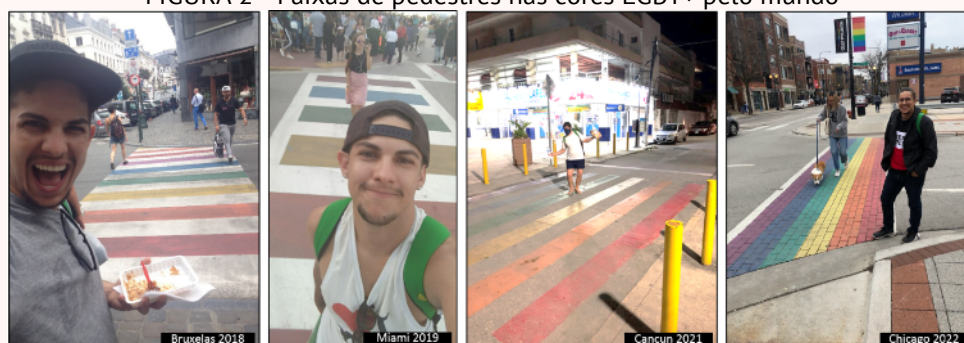
Ghaziani (2014) aponta que nos *gayborhoods* há:

um lugar que tem um ponto focal geográfico distinto: os moradores podem apontá-lo em um mapa, *geralmente por mencionar uma ou duas ruas específicas*. Tem uma cultura única: gays e lésbicas dão o tom do bairro, e é por isso que *símbolos como a bandeira do arco-íris são visíveis enquanto você caminha pelas ruas* (GHAZIANI, 2014, p. 2, tradução nossa, grifos nossos).

Existem muitas razões para as formações dos *gayborhoods* (HESS, BITTERMAN, 2021), vários autores descrevem suas versões para justificar a produção deste espaço (LEFEBVRE, 2000). Concebem o período de consolidação como ocorrendo após a Segunda Guerra Mundial (GHAZIANI, 2014; BROWN, 2014; SPRING, CHARLESTON, 2021; RENNINGER, 2019).

Ao longo das décadas as características dos *gayborhoods* foram se alterando, de ponto de encontro para a comunidade (GHAZIANI, 2014, 2018), de território para moradia de casais do mesmo sexo (CALLANDER *et al.*, 2020; SPRING; CHALERTON, 2021), passando por locais de realização de eventos (STILLWAGON; GHAZIANI, 2019) e lugar para instalação de empreendimentos noturnos voltados para esse público (KANAI; KENTAMMA SQUIRES, 2015; NEVES, 2021), entre outras finalidades.

FIGURA 2 - Faixas de pedestres nas cores LGBT+ pelo mundo



Fonte: Autor (2022)

Depois dos guias turísticos voltados para o público LGBT+, com o advento da internet, ficou mais fácil saber onde estes bairros estão localizados. Um exemplo é a plataforma de hospedagem Misterb&b que destaca as “áreas gays” próximos aos imóveis para locação ou até mesmo pela fácil identificação das faixas de pedestres nas cores LGBT+.

Pidner, Antonino e Silva (2015) abordam alguns conceitos que contribuem para o estudo, dentre eles o conceito de “geograficidade, que significa a maneira de ser estar no mundo”, outro conceito importante é o de lugar, entendido como “uma categoria de análise que dá sustentação ao estudo do espaço” (PIDNER; ANTONINO; SILVA, 2015, p. 62). Os autores continuam, “afinal, o que são os lugares, senão nós mesmos? Ao mesmo tempo em que os lugares são produtos humanos, esse espaço da vivência cotidiana também é fonte para as significações que os sujeitos produzem acerca de si mesmo e do mundo” (PIDNER; ANTONINO; SILVA, 2015, p. 63).

Para Rogério Haesbaert (2016):

o conceito lugar é aquele que dá conta da dimensão vivido do espaço, a condição identitária tá como centro, é o núcleo

fundante do conceito de lugar. Ainda que hoje, autores mais à frente desse debate defina um lugar não pela singularidade cultural estrita que aquele espaço tem, como se aquele grupo tivesse uma cultura própria que só existe ali não existe nenhum outro lugar do mundo, porque a globalização hoje permite você já tem uma interlocução imensa de elementos identitários e culturais, principalmente com os migrantes é que estão no canto e outro no mundo. Alguns autores como a Doreen Massey vão definir o lugar, como [...] dotado ainda de uma singularidade é de características próprias, mas não são os fenômenos que só existem ali naquele lugar, é a combinação dos fenômenos que é única. [...] São fenômenos que podem existir vários lugares do mundo, mas que combinam de maneira diferente, dando característica para um lugar a partir da especificidade da combinação de elementos, e não dos elementos em si mesmos (HAESBAERT, 2016, 6'28").

Segundo Pidner, Antonino e Silva (2015) o lugar pode-se transformar, tanto na sua aparência física quanto nos movimentos sociais inscritos nestes espaços. A cultura LGBTQ+, possui linguagens e signos próprios, que exprimem significados diferentes da cultura normativa. Ao analisar os gestos, Agamben (2018) aponta que “o gesto não é nem um meio, nem um fim: antes, é a exibição de uma pura medialidade, o tornar visível um meio enquanto tal” (AGAMBEN, 2008, p.3).

Já mencionaram Pidner, Antonino e Silva (2015), que “o lugar é definido pela presença do corpo dos homens no espaço” (PIDNER; ANTONINO; SILVA, 2015, p. 68); Andreotti (2012) aponta que certos padrões delineiam a fisionomia de lugares, ou seja, sua estética, para a autora os discursos éticos e estéticos “se tornaram parte integrante da paisagem e, frequentemente, os símbolos mais eloquentes. O símbolo é o prólogo intuitivo do problema que se quer enfrentar e resolver” (ANDREOTTI, 2012, p. 11).

Joseli Silva (2020) contribui dizendo que a consciência da corporeidade é também a compreensão da realidade social, para ela a geografia ainda rotula “corpos marcados como não detentores do direito de produzir ciência” (SILVA, 2020, p. 181), é justamente neste ponto que a pesquisa se ancora, jogando luz sobre corpos LGBTQ+, corpos que rompem com a binariedade de gênero e a cisheteronormatividade.

Silva (2020) afirma que a geografia pouco tem discutido gênero e sexualidade, frisando a necessidade de se discutir essa temática. A autora apresenta referências teóricas que acrescentam para o desenvolvimento da temática, como “Janice Monk, Maria Dolors García Ramon, Tovi Fenster, Robyn Longhurst, Doreen Massey, Kath Browne e Lynda Johnston” (SILVA, 2020, p. 186) que contribuem para as produções feministas, queer e decoloniais na geografia.

2 AS CIDADES E AS RUAS GAYS

Nas metrópoles floresce a ideia de que as diferentes sexuais encontram campos férteis para florescer, diferentemente das áreas rurais, onde parece perdurar ideias retrogradadas

quanto ao tema. É nos grandes centros urbanos que os *gayborhoods* figuram como importantes espaços para a livre expressão das identidades sexuais, é inegável como estes bairros produzem subjetividades para uma comunidade marginalizada, LGBT+ encontram nos *gayborhoods* um espaço seguro para andar de mãos dadas, abraçar, beijar, expressar desejos, festejar suas vidas.

Apesar das diferenças arquitetônicas entre as ruas de São Paulo, Chicago e Amsterdam, há algumas características similares entre as mesmas. Como, por exemplo, a presença dos símbolos da cultura LGBT que as fazem ser identificadas entre o público. As ruas frequentadas por esse público possuem um modo operante que difere de uma rua heterossexual, principalmente pelos transeuntes, pelo horário de funcionamento, estabelecimentos comerciais e atratividade turística.

2.1 SÃO PAULO

Ao frequentar a rua Frei Caneca e a Rua Augusta ambas localizadas na cidade de São Paulo, percebe-se que o público LGBT+ facilmente se mistura com o público heterossexual, o que deixa implícito que esta localidade está aberta a uma diversidade de pessoas, não deixando claro quem é o detentor desse território, uma vez que por estar na proximidade da avenida mais importante da cidade, o fluxo de pessoas é também diverso. Alguns sinais esporádicos remetem ao público não heterossexual, como bandeiras do movimento LGBT+, ícones da cultura e o próprio tráfego de pessoas.

A quantidade de comércios direcionados ao público LGBT+ é menos visível do que nas ruas de Chicago ou Amsterdam (que serão tratadas a seguir), uma vez que essas duas localidades já se consolidaram no tecido urbano como um território dissidente. Possivelmente pela cultura machista que ainda vigora fortemente no Brasil, os empresários destas ruas (Frei Caneca e Augusta) não expõem ícones ou símbolos da cultura LGBT+, fazendo com que o público heterossexual não discrimine o estabelecimento, assim o empresário lucra com dois seguimentos, aqueles que possuem fidelidade ao comércio em questão frequentam-no concomitantemente com o público heterossexual e vice-versa.

FIGURA 3 - Rua Frei Caneca (São Paulo, Brasil) em junho de 2018



Fonte: Autor (2022)

No Brasil, há uma crescente demanda de homens heterossexuais que passaram nos últimos anos a frequentar casas noturnas do público LGBTQ+, dentre os motivos: o ambiente descontraído, a qualidade do lugar, pela música e também pela quantidade de mulheres hétero ou bissexuais que acompanham os amigos gays; com isso o local ganha em diversidade, mas corre o risco de perder seu público cativo, que passa a frequentar outros locais de entretenimento.

Observação feita por Puccineli (2013; 2016, 2017) é que a rua Frei Caneca outrora festiva, tem-se convertido numa rua mais residencial devido à construção de condomínios residenciais na rua e proximidades, que adotaram um marketing direcionado ao público LGBTQ+ com alta renda. A alta rotatividade dos bares nesta e na rua paralela, foi relatada por Puccineli (2013): “Subir a Augusta era uma das surpresas do passeio: um bar aberto há quinze dias já poderia ter sido fechado” (PUCCINELI, 2013, p. 113).

2.2 CHICAGO

A rua Halsted, em Chicago (Illinois, Estado Unidos) é notoriamente conhecida por ser a principal rua do bairro Boystown, bairro que foi apropriado por indivíduos LGBTQ+ há algumas décadas, recebe o adjetivo de *gayborhood*, tendo sido relatado em diversos artigos acadêmicos, textos jornalísticos e relatos históricos. Sua importância é tamanha que a própria administração pública municipal de Chicago colore as faixas de pedestre das ruas para demarcar o território como um importante lugar da cultura e história LGBTQ+.

Amin Ghaziani relatou diversas vezes como este *gayborhood* de Chicago é uma referência para estudos da geografia queer, bem como é um exemplo de *gayborhood* para o mundo, a obra de Ghaziani é também referência para se interpretar essas localidades. O bairro gay de Chicago é cortado pela rua Halsted, nela pode-se observar uma quantidade significativa de símbolos, marcos, pessoas LGBTQ+ e uma *vibe* cultural LGBTQ+. Percebe-se que nas ruas próximas também há uma representação LGBTQ+, as ruas que dão acesso à Halsted ostentam além das bandeiras e adesivos nas cores LGBTQ+, um comércio que atende às demandas dos moradores do *gayborhood*.

FIGURA 4 - Halsted Street (Chicago, Illinois, EUA) em abril de 2022



Fonte: Autor (2022)

Ao chegar na Halsted depara-se com diversas bandeiras LGBTQ+ instaladas nas fachadas dos prédios, nos comércios e também representadas em adesivos, faixa de pedestre e nos marcos instalados. Outra coisa que deixa clara a existência deste território é a quantidade de transeuntes LGBTQ+. O comércio é diversificado, além de bares e restaurantes, há salões de beleza, locais de advocacy e apoio à comunidade, loja de conveniências e roupas, além do tradicional brechó “Out of the Closet” que angaria roupas e utilidades entre a comunidade LGBTQ+ e reverte o lucro em apoio à causa LGBTQ+.

Ao longo da via existem marcos que foram instalados pela prefeitura, que além das cores do movimento LGBTQ+, contém uma placa com a história de pessoas que são importantes para o movimento, fazendo com que o visitante conheça um pouco da história da luta política pela cidadania LGBTQ+. A isso deu-se o nome de *Legacy Walk*, uma exposição permanente, que exalta as contribuições de personalidades LGBTQ para a história e cultura, como Alan Turing, Audre Lorde, Harvey Milk, Oscar Wilde, e outros(as) ou relata fatos históricos do universo queer, como a Revolta de Stonewall, o Harlem Renaissance, o Triângulo Rosa invertido do período do Holocausto, etc. O tour pode ser realizado seguindo a via, também é possível agendar uma visita guiada pelo *The Legacy Project* acessando a página de internet <https://legacyprojectchicago.org/>.

FIGURA 5 - Halsted Street (Chicago, Illinois, EUA) em abril de 2022



Fonte: Autor (2022)

Outra coisa que faz identificar o local é a paisagem sonora percebida, nas proximidades de algum bar pode-se ouvir músicas de cantoras que são aclamadas por este público, como: Madonna, Lady Gaga, Cher, Ariana Grande, Britney Spears e outras. Os bares funcionando no período vespertino são movimentados, movidos pelo clima de *happy hour*, que confere um clima festivo e descontraído à rua.

O diferencial da rua Halsted está no fato de que a administração municipal somou esforços com o movimento LGBTQ+ local para consolidar a rua como um local não heteronormativo, certamente esta parceria consolidou a rua não apenas para os residentes, como também a projetou para a atividade turística.

2.3 AMSTERDAM

A rua gay de Amsterdam, denominada Reguliersdwastraat, possui beleza cênica marcante, induzida pela arquitetura tipicamente holandesa da Era do Ouro (século XVII) que é tombada pelo *World Heritage Convention* (UNESCO, 2011). Também é marcante pela quantidade de bandeiras LGBT+ existentes ao longo da rua, expostas nas fachadas dos prédios, nos empreendimentos comerciais e também representadas nas vestimentas das pessoas.

A quantidade de turistas que transitam pela rua é maior se comparada com as ruas de Chicago e São Paulo, possivelmente por ser Amsterdam uma cidade turistificada, inclusive com casos de turismofobia - que ocorre quando a quantidade de turistas interfere/atrapalha o funcionamento da cidade, ocasionando em prejuízo para os residentes.

O deslocamento dos turistas na rua integra-se com o dos habitantes locais, que fazem uso de bicicletas ou caminham, uma vez que veículos não mais trafegam pela rua. Turistas e residentes disputam mesas no horário de almoço em um dos diversos restaurantes localizados na Reguliersdwastraat. Certamente, uma parcela desses turistas e residentes enquadram-se no público LGBT+, pois além da rua ser mencionada em guias turísticos, há também o conhecimento popular de que a rua é um ponto de homossocialização.

FIGURA 6 - Reguliersdwastraat (Amsterdam, Países Baixos) em dezembro de 2018



Fonte: Autor (2022)

Dada a curta extensão da rua, causa a impressão de que nesta parece concentrar-se mais pessoas, já que a aglomeração das pessoas ocorre com maior ênfase na micro área chamada de *Gouden Bocht* (Curva Dourada), onde se localiza a maioria dos bares e restaurantes que dispõe (além do jardim interno em alguns deles) de mesas e cadeiras na calçada próximos à rua, acrescenta-se a isso o fato de que os casarios formam um corredor estreito, dando a sensação de que o agito e movimentação das pessoas pareça ser maior.

Alguns grandes eventos acontecem nesta rua, como a comemoração do Dia do Rei (aniversário do monarca, Guilherme Alexandre), o *Pride Amsterdam* (ocorre no primeiro fim de semana de agosto) e outros eventos alusivos da comunidade LGBT+ (*Runway, Reguliers*

Celebrate, Eurovision – Festival Eurovisão da Canção), eventos de outras grandezas ou confraternizações de empresas. O clima festivo e animado da rua faz com que residentes e moradores frequentem a rua para se divertir e socializar, transformando a rua conforme o período e data selecionado.

O que se percebe é que na rua gay de Amsterdam, Reguliersdwastraat, os frequentadores posam para as fotografias, expondo suas identidades sexuais ou de gênero, expressam suas emoções, culturas e práticas, corroborando com os escritos de Larsen (2006), Agamben (2018), Guissoni (2019) e outros.

Também se reconhece na Reguliersdwastraat uma paisagem cultural em desenvolvimento, onde desde a década de 1960 (NEVES, 2021) vem sendo construída essa paisagem cultural LGBTQ+, os sentidos e signos dessa comunidade, que “tem sido expressa segundo uma ética, um *ethos* compartilhado, um patrimônio dos costumes e valores tradicionais” (ANDREOTTI, 2012).

Desta forma, na Reguliersdwastraat as bandeiras do movimento LGBTQ+ são os símbolos mais evidentes que identificam o território dos dissidentes sexuais, um espaço de resistência – ainda que voltado ao consumo, é carregado de leveza e alegria. Ou seja, essa comunidade inscreveu na rua sua própria ética e estética, reconfigurando a paisagem inicial.

3 IMPRESSÕES

Causa a impressão de que o *pink money* é o que move os estabelecimentos comerciais dessas localidades, visto que os estabelecimentos comerciais são destinados ao público LGBTQ+ com ênfase nos itens consumidos por eles. Além de bares e restaurantes, há lojas de roupas, acessórios, salão de beleza, venda de itens ou produtos sexuais, e no caso de Amsterdã *coffee shops* para o consumo de *Cannabis*. No caso brasileiro ainda que a rua seja mais extensa, há pouco apelo para o consumo LGBTQ+, não fosse por alguns estabelecimentos que ostentam as cores do movimento LGBTQ+, passaria despercebida por entre a demanda de consumo deste público.

Nas ruas mencionadas é visto que além da decoração com bandeiras, outros itens nas cores LGBTQ+ se fazem presentes, é visível também pôsteres de eventos voltados para essa comunidade, instalações de arte pop, representações de cantoras *gay-friendly* (aliadas), grafites ou arte de rua; para estimular o *pink money*, vinhos, cervejas e espumantes nas cores LGBTQ+ que além de servir como bebidas podem ser adotados como souvenirs.

FIGURA 7 - Bebidas alcoólicas vendidas nas ruas analisadas



Fonte: Autor (2022)

É perceptível também que um público branco com poucos traços femininos é maioria por entre essas vias, que acaba sendo pouco frequentada pela negritude. Não é de se espantar que ainda há casos de racismo dentro da própria comunidade LGBTQ+ que acaba direcionando corpos negros para outras localidades, frequentemente mais periféricas. Dado um forte apelo ao consumo estas ruas também são frequentadas por uma parcela de pessoas com poder aquisitivo condizente com os preços praticados nestas localidades. O que acaba selecionando o público que frequenta a rua.

É por essa perspectiva que a análise da rua gay de Amsterdam difere de uma pesquisa que busca analisar uma rua gay no Brasil. Primeiramente porque não há uma concentração social, comercial, turística deste público nos grandes centros urbanos incluindo São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis ou outra metrópole. Alguns pesquisadores buscam analisar ruas gays no Brasil que diferem da Reguliersdwastraat que tem a oferta de serviços para os turistas LGBTQ+ concentradas, bem como difere da Halsted *street* que passou por um processo de consolidação da rua.

No caso brasileiro há prejuízo na formação de *gayborhoods* ou polos comerciais voltados para o público LGBTQ+, já relatara Péret (2011) que “alguns estabelecimentos, com medo de perderem os clientes heterossexuais ou ficarem malfalados, hostilizavam os homossexuais e até mesmo proibiam sua entrada” (PÉRET, 2011, p. 15), com isso não houve o desenvolvimento de uma rua gay nas mesmas décadas das iniciadas em Amsterdam e Chicago (por volta de 1960).

Green (2019), Trevisan (2018) e Péret (2011) apontam ainda que no período da ditadura militar, a caça aos homossexuais fez com que gays do Rio de Janeiro e São Paulo passassem a se encontrar nas casas uns dos outros, sem chamar a atenção dos vizinhos, o que reforça a tese de prejuízo do desenvolvimento comercial para LGBTQ+.

Ao contrário do que ocorria nos Estados Unidos e na Europa da década de 1960 e 1970, onde a comunidade LGBTQ+ ganhava força, no Brasil o movimento LGBTQ+ tardou em se consolidar - por conta da ditadura militar (GREEN, 2019), enquanto no exterior formavam-se *gayborhoods* no Brasil a homossexualidade era mal vista e perseguida, ficando por muitos

anos relegado aos guetos gays (Levine, 1979; PERLONGHER, 1986).

Assim, esse espaço vivido por LGBTQ+, com toda “complexidade dos processos socio-espaciais em curso na contemporaneidade” (SERPA, 2019, p. 106) pode ser analisado pela geografia, com abordagens sociais e culturais. Não se pode afirmar como será o desenvolvimento de áreas queers no Brasil. Enquanto, no exterior, se nota uma direção potencial em explorar a vida e a morte de um *gayborhoods*, como aponta o trabalho de Gustav Visser (2014) sobre o “*de-gayning*”³ dos bairros da cidade, no cenário nacional não se projeta a consolidação de bairros deste tipo, tampouco seu fim.

Ghaziani (2019), atualizando suas interpretações sobre os *gayborhoods*, interpreta na contemporaneidade que LGBTQ+ estão criando diversas ilhas na cidade, o que ele denomina de arquipélagos culturais. Para o autor, “as expressões espaciais da sexualidade estão se tornando mais diversas e plurais” (GHAZIANI, 2019, p. 7).

O caso de Amsterdam, interpretado por Neves, Chemin e Brambatti (2021) como uma *precinct queer* (ou seja, uma área funcional turística projetada para o público LGBTQ+), possibilita crer num cenário factível para a realidade brasileira, a saber, a elaboração de uma rua destinada para que turistas LGBTQ+ possam gozar das cidades, especialmente nos casos do Rio de Janeiro e Florianópolis que despontam neste nicho turístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. Per um'ontologia e uma politica del gesto. **Giardino di studi filosofici**. Macerata: Quodlibet, 2018.

ANDREOTTI, G. O senso ético e estético da paisagem. **Revista Ra'e Ga**, v. 24, p. 05-17, 2012.

ANZALDÚA, G. Queerizar a escritora. Loca, escritora y chicana. In: KEATING, A (ed.). **The Gloria Anzaldúa Reader**. Durham: Duke University Press, p. 163- 175, 2009.

BELL, D.; VALENTINE, G. **Mapping Desire: geographies of sexualities**. London e Nova York, Routledge, 2009.

BRONSKI, M. **A queer history of the United States**. Boston: Beacon Press Books, 2011.

BROWN, M. Gender and sexuality II: There goes the gayborhood? **Progress in human geography**, v. 38, n. 3, p. 457-465, 2014.

CALLANDER, D. et. Al. Australian 'gayborhoods' and 'lesborhoods': a new method for estimating the number and prevalence of adult gay men and lesbian women living in each Australian postcode. **International Journal of Geographical Information Science**, v. 34, n. 11, p. 2160-2176, 2020.

GHAZIANI, A. Sexual meanings, placemaking, and the urban imaginary. In: GRINDSTAFF, L.,

³ No âmbito do turismo, Visser (2014), mostra que um *gayborhood*, foi reconfigurado como uma *precinct queer* e depois transformado em um espaço *de-gay* onde o turismo urbano e o consumo heterossexual de lazer desempenharam um papel central. Nesse caso, entende-se o processo como “*des-gaylizar*” o lugar, ou seja, retirar suas características gays. Para Botha (2013), em entrevista a Visser (2014) com o aumento da visitaçao por turistas heterossexuais, leva em alguns casos, ao fechamento do estabelecimento gay ou sua transformaçao em um local heterossexual.

LO, M. M., HALL, J. R (org.). **Routledge Handbook of Cultural Sociology**. 2 ed. Abingdon: Routledge, 2018.

GHAZIANI, A. **There Goes the Gayborhood?** Princeton: Princeton University Press, 2014.

GHAZIANI, A. Cultural Archipelagos: New Directions in the Study of Sexuality and Space. **City and Community**, v. 18, n. 1, p. 4-22, 2019.

GREEN, J. N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Século XX**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2019.

GREEN, J. N. **Revolucionário e gay: A vida extraordinária de Herbert Daniel**. Tradução Marília Sette Câmara. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GUISSONI, R. **Digital influencers e a experiência visual da viagem: uma análise sobre o destino Morretes/PR – Brasil**. 2019. 128 fls. Dissertação de Mestrado (Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Turismo). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. 2019.

HAESBAERT, R. **Relação da Geografia com a Cultura**, 8 set. 2016. 1 vídeo (11min06s). In: Observatório ObservaDR. Disponível em: <https://youtu.be/P5N2x78YZYk>. Acesso em: 20 dez. 2019.

HESS, D. B.; BITTERMAN, A. Who are the people in your gayborhood? Understanding population change and cultural shifts in LGBTQ+ Neighborhoods. In: HESS, D. B.; BITTERMAN, A (org.). **The Life and Afterlife of Gay Neighborhoods: Renaissance and Resurgence**. Cham: Springer, p. 3-42, 2021.

KANAI, J. M.; KENTTAMAA-SQUIRES, K. Remaking South Beach: metropolitan gayborhood trajectories under homonormative entrepreneurialism. **Urban Geography**, v. 36, n. 3, p. 385-402, 2015.

LARSEN, J. Geographies of Tourism Photography: Choreographies and Performances. In: FALKHEINMER, J.; JANSSON, A. (Ed.) **Geographies of Communication: The Spatial Turn in Media Studies**, Nordicon, p. 243-261, 2006.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4 ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEVINE, M. Gay ghetto. In: LEVINE, M. P. (ed.) **Gay Man**. New York: Harper and Row, p. 182-204, 1979.

LORDE, A. **Irmã outsider**. Trad.: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTEL, F. **Global Gay: How Gay Culture Is Changing the World**. Cambridge: The MIT Press, 2018.

NEVES, C. S. B. Tourism Area Life Cycle: Historiographic interpretation of Reguliersdwarstraat as LGBT tourist territory in Amsterdam. **Applied Tourism**, v. 6, n. 1, 45-58, 2021.

NEVES, C. S. B.; CHEMIN, M.; BRAMBATTI, L. E. De gueto a destino turístico urbano: um estudo da 'Reguliersdwarstraat', Amsterdã, Holanda no contexto LGBTQ+. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 1, p. 73-96, 2021.

PÉRET, F. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: PubliFolha, 2011.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê**: a prostituição viril. São Paulo, Brasiliense, 1986.

PIDNER, F. S.; ANTONINO, L. Z.; SILVA, M. A. Os lugares da memória de Carlos Drummond de Andrade: Imagens poéticas de Belo Horizonte (MG). **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 60-72, 2015.

PUCCINELLI, B. Rua declinada no masculino: sexualidades, mercado imobiliário e masculinidades no Centro de São Paulo (Brasil). **Revista Punto Género**, n. 6, p. 113-126, 2016.

PUCCINELLI, B. **Se essa rua fosse minha**: sexualidade e apropriação do espaço na "rua gay" de São Paulo. 2013. 191 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.

PUCCINELLI, B. **"Perfeito para você, no centro de São Paulo"**: mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade. 2017. 195 fls. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

RENNINGER, B. J. Grindr Killed the Gay Bar, and Other Attempts to Blame Social Technologies for Urban Development: A Democratic Approach to Popular Technologies and Queer Sociality. **Journal of Homosexuality**, v. 66, n. 12, p. 1736-1755, 2019.

RUMENS, N. **Queer Business**: queering sexualities organization. New York: Routledge, 2017.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, J. M. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, J. M. 'Relatos de si': Eu, a Geografia e o Indizível no campo científico. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 42, p. 173-189, 2020.

SPRING, A.; CHARLESTON, K. Gentrification and the Shifting Geography of Male Same-Sex Couples. **Population Research and Policy Review**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11113-020-09625-4>. Acesso em: 10 jun. 2021.

STILLWAGON, R., GHAZIANI, A. Queer Pop-Ups: A Cultural Innovation in Urban Life. **City and Community**, v. 18, n. 3, p. 874-895, 2019.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Edição Revista, Atualizada e Ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Map of inscribed property**. 2011. Disponível em: <https://whc.unesco.org/document/106281>. Acesso em: 21 dez. 2020.

VISSER, G. Urban Tourism and the De-gayng of Cape Town's De Waterkant. **Urban Forum**, v. 25, n. 4, p. 469-482, 2014.

WHITE, E. **States of Desire Revisited**: Travels in Gay America [recurso eletrônico]. Madison: University of Wisconsin Press, 2014.

Recebido em 14/05/2022
Aceito em 11/07/2022